



*Admonet in somnis et turbida terret image.*

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 27 DE MAIO.

Não ha duvida que as condições propostas pela junta do Porto foram levadas ao conhecimento de lord Palmerston, e que a logar-tenencia das Necessidades acceta resignada todo e qualquer arbitrio.

Nesta crise de vergonha esses homens que se chamam ministros são apenas os chancereis de sir Seymour, e com pesar sabemos que foi este cavalheiro quem convidou alguns delles para acceitarem as pastas, e quem lhes fez lavar o diploma. Não nos admiramos da côrte d'onde não esperamos senão tyrannia e baixaza, mas surprehende-nos que hou-essem portuguezes de tão pouco brio e caracter que assim menospresassem a independencia da nação.

Em quanto nos conselhos da rainha Victoria se não decide quem hão de ser a final os ministros responsaveis da senhora D. Maria (*sem segunda!*) o coronel Wilde e sir Seymour tomaram as redeas do governo, e fazem em Portugal o que de certo não fariam na sua ilha dos cães.

E por desgraça delles tão *à cabralista* usaram e abusaram do poder que em poucos dias adquiriram as antypathias de todo o povo, os odios de todos os partidos e a desconsideração de todos os homens serios; antypathias, odios e desconsideração tanto maiores quammanha tinha sido a confiança na delicadeza e imparcialidade dos agentes de uma grande nação.

Comtudo o partido progressista não tem razão de se queixar destas insolencias; e a linguagem descomedida dos funcionarios produzirá talvez a paz no sentido inverso do que desejavam que ella se verificasse. A sua tyrannia apresentava-se mui grosseira para que a soffressemos, e senhores por senhores antes aquelles que nasceram na nossa terra.

Sabemos com certeza que na mão do viseon-de de Sá da Bandeira e conde das Antas existem declarações de muitos officiaes que militam nas fileiras do governo, protestando que apenas se verifique a intervenção estrangeira se passarão para o exercito popular, porque antes de todas as questões está a da independencia nacional.

Esta nobre resolução nasceu do modo por-

que o coronel Wilde e sir Seymour se teem conduzido. Existe uma nota do diplomata inglez na secretaria dos negocios estrangeiros que não se póde lér sem que as faces se cubram de rubor, e o coração se indigne; papel insolente que offende a dignidade da corôa portugueza, e rebaixa o caracter de quem o assignou. Assim estes dois medianeiros quasi que teem extinguido o odio dos partidos, que esquecerão mutuas offensas para repellirem um insulto que é commum a ambos.

O *Espectro* louva essa briosa resolução. Aquelle que repellir a deshonra, e defender, ligado a nós, a independencia da patria será tractado como irmão — o passado será como se não tivesse existido, e o futuro será empregado em enxugar as lagrimas que mutuamente derramamos.

E se a rainha quizer uma vez ser portugueza, se quizer forrar-se dessa escravidão a que está reduzida, lavar-se dessa ignominia com que a mancharam, corra tambem a unir-se com o seu povo para não ficar na cidade de Lisboa rodeada sómente por cinco homens que por zombaria se chamam seus ministros, e de dois estrangeiros que nem a amam nem a respeitam.

O sr. Seymour e o sr. Wilde mostram-se despeitados por não acharem nos populares aquella subserviencia que acharam na côrte: um viu as suas ameaças despresadas em Setubal, o outro não encontrou no Porto senão homens corajosos e decididos. Se o coronel Wilde queria merecer consideração, convinha-lhe não ir fazer de rei, ameaçando com força ingleza e com a exclusão da amnistia; e se sir Seymour desejava conseguir um armisticio, devia abster-se de fallar *a linguagem da ameaça*, de alardear inconvenientemente ao conde do Tojal que mandára intimar a junta; porque tudo isso se torna caricato apenas se vê que depois de tanta ameaça se faz o papel de sollicitador, e se devolvem a lord Palmerston as observações da junta. Se sir Seymour podia ameaçar, escusava de pedir; e se havia de ir pedir, escusava de ameaçar; porque se não estava auctorizado para resolver, o que se mostra pela remessa da resposta da junta para Londres, é imprpria, inconveniente e impolitica essa amea-

ça, essa attitude de superioridade, que lhe pôde grangear uma aspera censura do seu proprio gabinete.

Sir Seymour deve saber até onde chegam e aonde cessam os limites do medianoiro. Nenhuma das partes tem obrigação de estar pelo seu parecer, porque o medianoiro não é arbitro; e esta liberdade reside muito principalmente em quem não invocou nem sollicitou a sua mediação. Mas se o direito fosse outro sir Seymour ainda teria procedido de um modo mais parcial.

Se o minisiro inglez entende que as forças populares não devem adiantar as suas conquistas, e que a paz se ha de obter a todo o custo, é forçoso que entenda tambem que as demais condições de mediação devem ser excutadas á risca, e nesse caso cumpria-lhe não só chamar os desterrados, soltar os presos, mas fazer com que no Carmo não se matasse gente como se está matando, nem que os presos fossem tractados com mais rigor e tyrannia do que nunca. Cumpria-lhe fazer pôr em vigor a carta, e revogar todas as leis que lhe são contrarias. Pois se a execução de todas essas condições está suspensa, se não ha nenhuma deliberação da Inglaterra mesmo a respeito dos pontos commumente assentados, com que rasão se quer um agente do governo inglez metter de permeio, e para que ha de ameaçar, ou consentir que os seus subalternos ameacem, quando o governo da nação que elles representam guarda para connosco toda a consideração como o declara em pleno parlamento? Para que procede o ministro n'um caso como se tivessemos acceito o seu arbitrio, e no outro como se elle não existisse?

E se S. ex.<sup>a</sup> tem animo tão varonil; se sua vontade caprichosa deve pesar tanto na balança da Europa, ahí está a Cracovia a invocar toda a sua sollicitude em cumprimento de um tractado, ahí está a Hespanha e a França brincando da Inglaterra no casamento Montpensier. Peça sir Seymour a sua transferencia para alguns daquelles paizes aonde a sua politica tem sido tão escarnecida, ameace a Russia, Austria e Prussia, que se estão rindo della, os gabinetes das Tuilherias e Santo Ildesonso, que não fizeram caso das suas notas, e não venha arrostar fanfarrice nesta nação pequena e retalhada pelas suas dissensões internas; porque

*E' fraqueza entre ovelhas ser leão.*

Se o gabinete britannico foi tão respeitador daquellas potencias, não o ha de ser menos da nossa nacionalidade, que nem lhe pôde fazer sombra, nem contraria nenhum tractado.

As cousas em Lisboa continuam como d'antes; logo não pôde cessar a guerra.

Por partaria de 20 do corrente revogou-se outra que mandava sair José Cabral. E comtudo não se revogaram todas essas ordens pelas

quacs se mandou sahir do reino a nossa melhor nobreza.

O ministerio é por conseguinte cabralista, e em quanto fôr cabralista nem pôde haver treguas, nem armisticio, nem paz.

Mas que significa um ministerio cabralista? Que humilhante condição é essa que se impõe á corôa, humilhante para ella, e inutil para o paiz?

De cabralistas até aqui faziam alarde todos os ministros de hoje. São cabralistas, porque sustentaram a sua politica, e a designação não pôde significar outra cousa. Talvez hoje protestem que o não são; mas isso é uma indignidade, cobardia e baixeza que os factos denunciam; e se nós temos de ser governados por Cabraes venham antes os cabeças do que os aljectos instrumentos que tantas vezes rojaram a seus pés. O sr. Proença votava com o Cabral quando o visconde de Oliveira votava contra elle.

Tudo o que não é cabralista é popular, e é escusado andar a buscar um meio termo entre estes dous extremos.

Quando se pergunta quem garante a boa fé da côrte, dizem-nos—*A Inglaterra!*

A Inglaterra é muito bom garante, mas nós é que não a podemos acceitar porque ainda não nos pagou uma divida. Quando D. Miguel veio para Portugal em 1828 a Inglaterra era garante de que elle governaria constitucionalmente, e em 1829 o nosso garante metralhava-nos nas agoas da Terceira, porque nós pagnavamos pela carta.

A garantia de que o ministerio não irá para uma fracção politica, senão fosse impossivel e anti-constitucional, era stulta. Pois que ha de fazer sir Seymour, se nomeado um ministerio, e feita a paz, a rainha na noute seguinte chamar esse ministerio á tração e o prender no paço, ou se menos desconfiada da sua fraqueza o demittir mesmo de dia? Representará? Mas acontece-lhe o que aconteceu a lord Howard e mr. Southern. Demittirá esse novo ministerio como demittiu o visconde de Oliveira? Mas nesse caso a corôa não é livre, e entre os populares não ha quem acceite uma pasta da mão do ministerio inglez.

Assim a garantia está nas condições que a junta propôz e o povo

*Ense petit placida cum libertate, quietem.*

Não podemos ter liberdade sem eleições livres, e não podemos ter eleições livres com empregados que fuzilam os eleitores, viciam os recenseamentos, e falsificam as actas. A administração até hoje é toda cabralista. O governo civil de hoje é o que morreu em Maio de 1846.

A intervenção não a tememos nem a receiamos, porque não esperamos que se realise; pelo contrario esperamos que sir Hamilton Sey-

mour e o coronel Wilde serão mandados sahir de Portugal pelo abuso que teem feito do seu poder, compromettendo a dignidade da Grã-Bretanha com ameaças indignas della, e que o seu governo reprova; ameaças feitas de proposito para amedrontar, mas que nunca se hão de pôr por obra.

Não se verificará a intervenção porque os seus resultados seriam funestos. A rainha commetteria um crime por chamar tropas estrangeiras sem o consentimento das côrtes, perderia por esse facto a corôa, e o sangue que se quer poupar correria a jorros. As vinganças particulares desinvolver-se-fiam com mais força, e ou o territorio portuguez havia de estar cuberto de fardas encarnadas, ou não havia de parar um só cabralista nas povoações. Então o exercito ministerial correria aos nossos braços, e a rainha e os seus ministros ficariam de um lado ás ordens do coronel Wilde e sir Seymour, em quanto que a nação estaria toda do outro.

Não tememos com tudo que chegue o caso de se verificar isto. Os hespanhoes que tanta pressa tinham em vir desaffrontar a nossa rainha que ninguem affrontava, andam agora aos tiros á sua innocente Isabel; e lord Palmerston dá-lhe muito que fazer a maioria do parlamento para a contrariar intervindo nos negocios das outras nações contra o que tem declarado na tribuna.

Terça feira esteve no governo civil, e parece que recebeu mais dinheiro, o agente do ministerio encarregado de ir fazer a aclamação miguelista. O governo *quer capote*. Parece que um diplomata estrangeiro não é estranho a este plano que aconselha a fim de se desculpar dos passos imprudentes que tem dado.

Um vapor de guerra hespanhol que ahí chegou Segunda feira participou que no Domingo os nossos vapores tinham sahido do Porto a atacar a fragata e o brigue do bloqueio que alli se tinham apresentado naquelle dia. O brigue fugiu, e a fragata soffreu tanto estrago que commetteu a cobardia de içar bandeira hespanhola e pedir soccorro.— E' a primeira vez que um official portuguez desnega a bandeira da sua nação. O vapor hespanhol foi soccorrela, e veio para Lisboa. Participa que d'alli a algumas milhas tornára a ouvir fogo.

Cartas de Setubal de 23 dizem que o reducto que as nossas tropas fizeram fóra artilhado

completamente sem que o inimigo as incommodasse, e que no campo dó Vinhaes reina a maior intriga e descontentamento. A deserção para o exercito popular tem sido immensa.

Os correios do governo teem sido interceptados quasi todos esta semana. Parece que o sr. Bayard pedira a sir Seymour que mandasse cruzar uma náu e um vapôr no canal d'Azambuja e fraldas de Rio Maior, para obrigar *immediatamente* os insurgidos á fidelidade e obediencia de S. M. fidelissima, porque a sua resistencia d'ora ávante seria sem escusa.

No dia 4 do corrente, depois do meio dia, disparou-se uma pistola de dois canos contra a rainha Izabel, na rua d'Alcalá, em Madrid. Os hespanhoes, que são tão monarchistas, que queriam vir aqui sustentar no throno a nossa rainha, andam a empurrar a delles atirando-lhe ao tiro!!! As folhas publicas já dão presos dois cabralistas de lá. E qual será a rasão porque o nosso *Diario* não falla neste attentado? Iria a nossa pandilha feita no jogo?

(*Correspondencias interceptadas.*)

Coimbra 15 de Maio. — Meu querido pai. — Fiquei hontem sem noticias suas, porque tanto o correio ordinario como a posta foram roubados em Rio Maior — hoje chegou a posta, mas sem carta sua. O correio que d'aqui sahiu Quarta feira tambem dizem que fóra roubado. Assim não ha quasi vontade de se escrever — mas tanto este governo como o passado parece que gostam.

Segundo hoje dizem do quartel general, a junta do Porto não aceitou a amnistia, e apresentou 12 artigos, cada um dos quaes, dizem, mais admiravel!! O coronel hespanhol parece que foi quem deu estas noticias vindo do Porto, e o coronel Wilde deve já ter sahido para Lisboa. Eu não entendo como elle podesse receber propostas depois de não estar auctorizado para isso, como declarou o ministro inglez, o que para aqui se communicou telegraphicamente (a). O caso é que teremos por tanto guerra em lugar de paz, e posto que ella não possa durar muito, bem desejava a nossa gente fóra do Porto, que será o theatro da guerra (b).

(a) Ou o ministro não disse o que era verdade ou o telegrapho. Escolham. Algum delles manga dos cabralistas.

(b) Não se assuste. O Saldanha não se aproxima do Porto salvo se for preso.

Diga-me se tem recebido os boletins cartistas?... *Antonio Emilio.*

Illm.º e exm.º sr. — Por aqui nada de novo; mas não posso deixar de dizer a V. ex.º que o desalento é geral. Vão-se desvanecendo as esperanças da intervenção, e as noticias de cima, mesmo as que o *Diario* deixa interver são pouco animadoras. O *Espectro* com a sua costumada petulancia tem aqui leitores, e contra as suas noticias não temos desgraçadamente um periodico, que se encarregue de dar outras.

Bem conheço, que nem os desejos, nem as opiniões de certa classe de gente fazem muito mal á causa publica, mas a julgar do estado dos concelhos por um só, não são elles um bom signal.

Por outro lado, a acção das auctoridades é diminuta, porque a execução é quasi nulla.

Se alguma tem não é a força é a prudencia que a exercita; é o habito que lhe faz dar uma apparencia de execução.

Perdoe V. ex.º de ir interromper-lhe um tempo precioso; mas este desaforo é tambem uma pequena descarga de oppressão que sobre mim carrega. — Tenho a honra de ser com a maior consideração — De V. ex.º — Attento amigo e obrigadissimo subdito — *Antonio Frederico Carvalho*, administrador do concelho. — Chamusca 14 de Maio de 1847.

P. S. O portador não sabe disto.

Illm.º am.º e sr. — Dias ha que não tenho escripto a V. s.º, mas hoje, com quanto bem doente, fa-lo-hei para lhe dizer que hontem de manhã entrou em Thomar a guerrilha do padre Antonio da Certã, que dizem ser de 200 homens, e no momento em que lhe escrevo (11 horas da manhã) acha-se junto a Torres Novas,

porque o telegrapho de lá já não trabalha ha uma hora, e divisa-se junto d'elle grande porção de gente, que por certo são as guerrilhas. Tinham antes de hontem partido daqui 80 homens para Rio Maior por causa dos guerrilhas que iam apparecendo, mas hontem ás 5 da tarde enviou-se-lhe um expresso para marcharem immediatamente sobre Torres Novas — fa-lo-iam! Duvido.

Agora mesmo me vem algum dizer que roubaram diversas casas em Thomar!!.. Odenos conduz isto? Que me diz V. sr. do caso do Dias d'Azevedo? E que ha do Porto? accitam ou não o convenio?

Do mais que houver informará quem é — De V. s.º — Attento muito venerador obrigadissimo e criado — *João Antonio Rodrigues de Miranda.* — Santarém 16 de Maio de 1847.

Illm.º e exm.º sr. — Agora mesmo que são nove horas da noute, chega a estafeta de Thomar e me informa de que naquella cidade entrou hoje pelas nove horas da manhã uma guerrilha em força de 100 homens, commandada pelo guerrilheiro Calabassa d'Abrantes, tendo queimado o telegrapho; não posso deixar de levar á presenca de V. ex.º o gravissimo risco em que correu aquelle estafeta a fim de salvar a correspondencia, tendo vindo por espaço d'uma legoa a pé, e atravessando algumas ribeiras para não ser encontrado, procurando caminhos estranhos até que chegou perto d'Asseiceira onde tinha mandado pôr a cavalgada, o que tenho a honra de levar ao conhecimento de V. ex.º — Deos guarde a V. ex.º — Gollegãa 15 de Maio de 1847. — Illm.º e exm.º sr. sub-inspector geral dos correios e postas do reino. — Pelo correio assistente, o fiel interino, *Manoel Mendes da Silva.*



Lim vapor de guerra hespanhol que ali che-  
rou segunda feira participo que no domingo  
os nossos vapores tinham salido do Porto a  
atacar a fragata e o brigue do bloqunio que ali  
se tinham apresentando naddelle dia. O brigue  
foi a a fragata soffreu tanto estrago que  
commetten a costaria de ser destruida despa-  
nhola e pedir socorro. — E a primeira vez  
que um official portunex desnegu a bandeira  
da sua nação. O vapor hespanhol foi socorre-  
do e veio para Lisboa. Participo que d'ali a  
algumas milhas tornea a outra lago.



Cartas de Genral de 28 dizem que o redu-  
cio que os nossos vapores tinham fora destruido

Segundo hoje dizem do quartel general a  
Junta do Porto não accion a annuata, e apresen-  
ton 12 artigos, cada um dos quaes dizem  
mas admittavel!! O coronel hespanhol parece  
que ha quem deu estas noticias vindo do Porto,  
é o coronel Wilde deve já ter sahido para Lis-  
boa. Eu nao entendo como elle podesse rece-  
ber propostas depois de não estar auctorizada  
para isso, como declaram o ministro inglez,  
que para aqui se comanuntem religiosamente  
le n.º. O caso é que temos por tanto guerra  
em lugar de paz, e posto que ella não possa  
durar muito, bem desejava a nossa gente fora  
do Porto, que sera o theatro da guerra (6).  
Ou o ministro não disse que era verdade  
ou o telegrapho. Escolhamos. Alguns d'elles man-  
ta dos capitalistas.  
(8) Não se assuste. O subdano não se apor-  
xima do Porto salvo se for preso.